

EDUCAÇÃO COMO EXERCÍCIO DO PODER:

crítica ao senso comum em educação

Vitor Henrique Paro

educação

A large, stylized purple letter 'E' that serves as a background graphic. The word 'educação' is written vertically in white inside the top loop of the 'E'.

2ª edição

questões
da nossa
época

volume 4

CORTEZ
EDITORA

Vitor Henrique Paro

EDUCAÇÃO COMO EXERCÍCIO DO PODER:

crítica ao senso comum em educação

2ª edição

1ª reimpressão

 **CORTEZ
EDITORA**

Sumário

| | |
|--|----|
| Prefácio | 7 |
| <i>Beatriz Fétizon</i> | |
| Apresentação | 15 |
| <i>Vitor Henrique Paro</i> | |
| Educação | 20 |
| Poder | 33 |
| Educação e Poder | 46 |
| Referências bibliográficas | 75 |
| Apêndices | |
| Apêndice I: A escola pública que queremos | 81 |
| Apêndice II: A educação é necessariamente política | 98 |

Prefácio

Diz a lenda que um homem, certo dia, perguntou a Deus: “Senhor, tudo o que criaste foi para poder ser usado em nosso proveito. Mas, há uma de Vossas criações que não entendo. O horizonte, Senhor. Por que criaste o horizonte — algo tão inútil que, quanto mais procuramos alcançá-lo, mais de nós se afasta?” E o Senhor respondeu: “Foi exatamente para isso que o criei: para fazer-vos caminhar.”

Pois bem. Este, como de resto todos os trabalhos de Vitor Paro, tem por fim abrir-nos horizontes — e tem por função fazer-nos caminhar. O texto é uma excelente discussão. Amplitude e profundidade caracterizam o tratamento de cada um de seus tópicos. São características essenciais para o exame teórico-sistemático de questões — mas são de difícil conciliação. A amplidão do horizonte tende sempre a tornar superficial e disperso o olhar que apreciaria o espaço que esse horizonte define (mas já antecipo que o autor tirou de letra tal conciliação).

A discussão é de particular interesse. Primeiramente, pela natureza das questões examinadas. E pela forma como tal discussão é feita. Vitor Henrique Paro tem a raríssima

de direção, diversificação e modalidades de desenvolvimento para cada item tratado; e que consegue, além do mais, conciliar profundidade de tratamento e “fascínio de enredo” — cometendo o aparente absurdo da conciliação de seriedade, profundidade, sistematização rigorosa, linguagem técnica e atendimento escrupuloso das exigências de uma estrita racionalidade científica de investigação e da abertura de perspectivas para um continuado futuro aprofundamento — conciliar tudo isso, pois, com um delicioso clima de enredo/suspense sherlockianos...! Muito, muito, muito bom!

Dezembro 2007

Beatriz Fétizon

Professora Doutora Aposentada da
Faculdade de Educação da USP

Apresentação

Este livro compõe-se de um texto principal e dois apêndices. O texto principal, inicialmente intitulado “Educação como exercício do poder: implicações para a prática escolar democrática”, é produto de pesquisa intitulada “A Administração Escolar e a Condição Política da Educação”, desenvolvida no Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Feusp, com financiamento parcial do CNPq, e cujo relatório integral encontra-se em Paro, 2007a. Inicialmente, eu tinha a intenção de publicá-lo como artigo, mas sua extensão e a sugestão de amigos que leram a primeira versão acabaram determinando sua publicação na forma de livro. O título atual parece dizer com maior propriedade o escopo principal da obra, que foi detectado por educadores que a leram como sendo o seu caráter mais marcante, ou seja, a crítica a uma concepção vulgar de educação. Tratando também desse tema, foram acrescentados dois apêndices: uma palestra e uma entrevista, realizadas recentemente, que, embora repitam conteúdos já presentes no trabalho principal, o fazem de uma forma mais coloquial e podem servir como maior elucidação do tema principal do livro.

Educação

Para uma compreensão mais ampla e profunda da educação é preciso, preliminarmente, considerar os usos comuns do termo com vistas a diferenciá-los do significado mais rigoroso que pretendemos lhe dar. Na linguagem comum, educação é normalmente associada a ensino, quer para servir-lhe de sinônimo, quer para dele diferenciar-se. O uso diferenciado se dá, em geral, no senso comum, quando se associa a educação ao campo dos valores e das condutas, aquela por meio da qual se propicia ao educando formação moral e disposição à prática dos bons costumes, e se associa o ensino à passagem de conhecimentos e informações, contidos nas disciplinas teóricas ou nas ciências de um modo geral e que são úteis para a vida em geral ou para o exercício de uma ocupação. Nesse modo diferenciado de entender a educação e o ensino, a primeira é geralmente imputada ao lar ou à família e o segundo é atribuído à escola. Na conversa com pais de alunos, e mesmo com professores, costuma-se ouvir que a educação se dá em casa e que na escola é o lugar da instrução (outro nome dado ao ensino para enfatizar seu caráter mais instrumental). Mas esses dois termos são também usados generalizadamente como sinônimos tanto no senso comum quanto nos meios acadêmicos, quando, por exemplo, se diz indiferenciada-

Poder

Também o termo “poder” possui os mais diferenciados usos, o que exige uma melhor explicitação do significado específico em que o empregaremos. Em seu sentido mais geral o poder pode ser considerado como “a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos”, podendo referir-se tanto a coisas e fenômenos naturais quanto a pessoas e grupos humanos. (Stoppino, 1991d: 933) Não nos interessa aqui considerar o poder de coisas (o poder calorífico, por exemplo), mas tão somente aquele que supõe o ser humano como sujeito. A este respeito o poder pode ser visto sob duas perspectivas: o poder como capacidade de *agir sobre as coisas* e o poder como capacidade de *determinar o comportamento de outros*.

Se uma relação social supõe o envolvimento de mais de um indivíduo e se, como vimos, a relação política envolve a convivência entre sujeitos, poderia parecer, à primeira vista, que apenas a segunda perspectiva nos coloca diante do poder social ou do poder político. Teríamos que admitir, então, que “não é poder social a capacidade de controle que o homem tem sobre a natureza nem a utilização que faz dos recursos naturais.” (Stoppino, 1991d, p. 933), e que “o poder político pertence à categoria do poder do homem sobre outro homem, não à do poder do homem sobre a natureza.” (Bobbio, 1991: 955) É preciso, no entanto, estar alerta para o fato de que, em termos sociológicos, apenas por abstração se pode separar essas duas perspectivas do poder. Isto porque, na realidade, a posse ou capacidade de produzir efeitos sobre a natureza e sobre as coisas em geral não está de modo nenhum desvinculada das relações sociais. Em-

Essa diferença entre o poder que serve à dominação (poder-sobre) e o poder que reforça a condição de sujeito do outro (poder-fazer) é de grande importância na apreciação das relações de poder que têm lugar na sociedade, especialmente quando o assunto em pauta é a educação, que é a própria forma pela qual se plasmam personalidades humanas.

Educação e Poder

Todo processo educativo envolve, por um lado, alguém com a pretensão de modificar comportamentos alheios (educador) e alguém cujos comportamentos se supõem passíveis de serem modificados (educandos). Todo processo educativo envolve, pois, uma relação de poder em seu conceito mais geral, seja em estado potencial, seja em estado atual. Em princípio, essa relação pode dar-se tanto como poder-sobre quanto como poder-fazer. No primeiro caso, o educador procura impor os componentes culturais contra a vontade ou os interesses do educando, utilizando-se, para isso, da coerção ou da manipulação. No segundo caso, o modo privilegiado de exercício do poder é a persuasão. A partir dos conceitos de educação e de poder que explicitamos até aqui, podemos deduzir que somente o poder-fazer é compatível com uma educação entendida como atualização histórico-cultural com vistas à constituição de sujeitos livres. É esta educação como prática democrática que nos interessa examinar na perspectiva do exercício do poder.

A primeira observação a ser feita é que o poder existe e é exercido tanto por parte do educador quanto do educando,

APÊNDICES

Apêndice 1

A escola pública que queremos* (Palestra)

Minha fala sobre o tema “a educação pública que queremos” consistirá numa modesta contribuição para a reflexão a respeito do conceito de educação. Fazer propostas e reivindicações para os futuros governantes, em defesa da escola pública, como o sindicato está se propondo, é um trabalho gigantesco. Nós temos que pensar em construir uma escola pública de verdade. Quanto a isso, minha convicção é que, de todos os problemas que temos para enfrentar, existe um que sobressai: a falta, em nossa luta, de uma perspectiva pela qual nos guiemos, um conceito mais rigoroso, mais geral, universal, de educação, que embase e oriente os nossos caminhos e lutas para uma escola melhor.

* Palestra proferida na Conferência Estadual de Educação: “Proposta dos Trabalhadores da Educação para o Próximo Governo”, realizada em Curitiba (PR), de 4 a 5/8/2006, promovida pela APP – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública no Paraná. Inicialmente publicado em: CONFERÊNCIA ESTADUAL EXTRAORDINÁRIA DE EDUCAÇÃO DA APP-SINDICATO, 1., 2006, Curitiba. *Revista da Conferência Extraordinária da APP-Sindicato*. Curitiba: APP-Sindicato, 2006. p. 9-15.

Apêndice 2

A educação é necessariamente política* (Entrevista)

Portal do Professor: No artigo “Educação para a Democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino”¹ o senhor cita que um dos maiores problemas da educação brasileira é ela ser analisada em pequenos aspectos e não por inteiro. Como essa análise pode ser feita em uma dimensão maior e por que o senhor defende essa abordagem sistêmica, ou seja, do todo?

Vitor Paro: O debate deve começar pelo conceito de educação em toda a sua amplitude. Em geral, fala-se em educação, mas poucos entendem tecnicamente de educação e de escola. O pior é que quase todos se metem a falar de

* Texto originalmente publicado em: Inep.gov.br. Disponível em: <http://www.portaldoprofessor.inep.gov.br/entrevistas/vitor_paro.jsp>. Acesso em: 7/4/2004.

1. Trabalho apresentado na 23ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Camamu (MG) de 24 a 28/9/2000. Publicado em: *Revista Portuguesa de Educação*. Braga, v. 13, n. 1, p. 23-38, 2000. Também publicado em PARO, Vitor Henrique. *Escritos sobre educação*. São Paulo: Xamã, 2001, p. 33-47.

Todos falam sobre educação, mas poucos exibem uma concepção rigorosa que dê conta de sua grandeza e importância. No senso comum, prevalece uma noção pobre e restrita, mas com força e aceitação suficientes para estruturar tanto as políticas públicas quanto as práticas pedagógicas

em nossas escolas. Neste livro, ao fazer a crítica desse senso comum pedagógico, por meio da instigante reflexão sobre a educação como exercício do poder, Vitor Paro, com a clareza e a profundidade que caracterizam seus escritos, produz um texto de leitura

obrigatória para todos aqueles que estejam minimamente envolvidos com a teoria ou com as práticas educacionais. Ao mesmo tempo, nos oferece um horizonte para uma prática educativa que seja merecedora das esperanças e dos esforços dos incontáveis educadores deste país.

questões
da nossa
época

volume

4

 CORTEZ
EDITORA

ISBN 978-85-249-1595-6



9 788524 915956